

# Secretaria de Saúde distribui preservativo nas saídas do DF

*Campanha contra Aids será intensificada durante o Carnaval*

Francisco Stuckert

**O**OFICIAL de Justiça Getúlio Coutinho Filho, de 30 anos, morador de Taguatinga, foi surpreendido na saída de Brasília, próximo ao retorno do Catetinho, quando se dirigia para Luziânia, a caminho de um encontro com a namorada. Depois de ter parado o carro, atendendo os pedidos de soldados da Polícia Militar, encontrou a secretaria de Saúde do Distrito Federal, Maria José da Conceição, distribuindo preservativos e folhetos explicativos sobre a contaminação pelo vírus HIV, causador da Aids. É o lançamento da campanha contra a doença que será desenvolvida no DF nestas férias.

Foram colocados quatro *out-doors* em extremos da cidade. Um na saída da capital, para os que seguem para Goiânia, outro para os que vão a Bahia, um terceiro na Estrutural e o último, onde foi lançada a campanha, na saída para Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Serão distribuídos 60 mil cartazes e 25 camisetas nesse período, principalmente na semana do Carnaval. De acordo com a secretaria, o programa enfoca as férias, no entanto, a Secretaria de Saúde mantém campanha permanente, na tentativa de reduzir o índice que coloca o Distrito Federal em terceiro lugar no País, em se tratando de casos soro-positivos. "O GDF destinou R\$ 600 milhões para iniciativas desse tipo em 1997", acrescentou.

São as mulheres heterossexuais e monogâmicas, entre 15 e 30 anos, o principal alvo da contaminação no DF. É principalmente a elas, portanto, que a campanha pretende chegar. Dados do Departamento de Saúde Pública demonstram que, de outubro a dezembro último, o número de casos aumentou no DF, de 630 para 683. Apesar disso, a secretaria salienta que o índice de óbitos diminuiu. "A vida é prolongada porque as pessoas contaminadas estão recebendo remédios e atendimento médico. O Hospital Dia é um exemplo", afirmou. A campanha deve se intensificar no Carnaval, quando o Bloco da Saúde deverá acompanhar os bailes e as festas de rua. Bonecos, como a Dona Camisinha e o Zé Gotinha, estarão presentes na folia.(M.M.)



O boneco 'Dona Camisinha' ajuda na campanha do GDF contra a Aids

## 'Dar camisinha não adianta'

“A GENTE sempre pensa que não vai acontecer com a gente”. O mote popular é repetido por W.S., de 42 anos, um dos pacientes do Hospital Dia. Assim ele justifica porque não levava a camisinha muito a sério. A bebida alcoólica, uma constante no seu passado, fazia com que dispensasse o uso do preservativo. Sem relacionamentos estáveis, o trabalhador autônomo se deparou com uma dura realidade em 1995. A meningite e a toxoplasmose lhe atiraram aos olhos uma verdade difícil de aceitar: ele tinha o vírus da Aids.

O exame, fez só uma vez. “Não precisa”, simplifica. O diagnóstico foi dado quando o médico lhe recebeu para a primeira consulta. O quadro era característico e as doenças, conhecidas como oportunistas. “É

difícil”, tentando resumir a dor que carrega nos últimos anos. “A rotina muda”, afirma. No seu caso, a vida toda mudou. Ele passou a dar mais valor para as coisas do dia-a-dia. “A morte está sempre no meu pensamento. Sei que todo mundo vai morrer um dia, mas no nosso caso ela parece mais próxima porque está sempre na cabeça”.

Sobre as campanhas, é taxativo: “Atinge uma porcentagem muito pequena da população. A Aids mexe com uma coisa que todo mundo gosta, o sexo”, lembra. Esse é o problema, segundo ele. “Dar camisinha na estrada não adianta. Tem que cortar o mal pela raiz, combatendo a bebida em excesso, por exemplo”, ensina.(M.M.)